



JULIANA: AMOR PELO VERDE NASCEU NA INFÂNCIA, AO PLANTAR UMA ÁRVORE

JOÃO RAFAEL TORRES

DA EQUIPE DO CORREIO

Os 30km que separam o Gama de Brasília não eram empecilho para que a família de Juliana visitasse a capital todos os fins de semana, durante a sua infância. O programa preferido era percorrer os pontos turísticos: de monumentos a parques públicos, de shoppings a feiras livres, da sagra da Catedral ao profano Conic.

Filha de um casal de trabalhadores autônomos cearenses, Juliana Lopes Rodrigues sempre foi a mais apressada do grupo. Tudo começou no nascimento. Ela não pôde esperar o parto no Hospital Regional da Asa Sul (Hras), como estava programado, e teve de ser amparada por médicos residentes do Hospital Universitário de Brasília (HUB). Com a mesma rapidez que teve para nascer, fez questão de levar a vida. O motivo: a curiosidade pelo mundo que a cercava.

Nos passeios familiares, seu Juarez, o pai, estimulava a falante filha a se instruir sobre todos os significados do local visitado. Aos poucos, a menina se transformou numa guia mirim informal, a serviço dos familiares que sistematicamente vinham do Ceará para visitar a parentada. “Muitas vezes, meu pai nos ensinava a partilhar o que sabia. Não era a versão oficial, mas a sua versão para a história do local”, avalia hoje, aos 23 anos.

Juarez tinha sido cinegrafista logo que chegou em Brasília. Conhecia a verdade por outro lado, o lado de quem descobre a notícia — e não só de quem ouve falar dela. Juliana herdou o espírito pesquisador, quase xereta. Herdou também o deslumbre diante de Brasília, que conheceu a partir das coisas mais simples. “Ficava fascinada com o desenho das tesourinhas e com a disposição das quadras, que meu pai insistia para que entendêssemos toda vez que percorríamos a Asa Norte ou Asa Sul”, recorda.

Reencontro

Apesar do olhar atento, esse ensinamento não foi apreendido. Juliana percebeu isso ao tirar carteira de motorista, ao se perder diversas vezes nas interseções das vias do DF. Foi também na direção do veículo que ela revisitou lugares da infância — muitas vezes por acaso porque se perdia. “Me emocionei no dia em que, depois de adulta, revi aquela praça enorme do Setor Militar Urbano. Na lembrança de uma garota, tudo era grandioso.”

Outra passagem marcante da vida de Juliana foi quando, aos 7 anos, ela plantou uma árvore durante uma aula de ciências. A experiência foi definitiva. Naquele dia, disse à mãe que trabalharia com as mãos na terra, em prol da natureza. Dez anos depois, a árvore se tornara mais uma adulta no meio de 4 milhões de árvores plantadas em áreas coletivas do DF. E ela, Juliana, ingressaria na faculdade de agrono-

OS JARDINS de Juliana

Ela nasceu no Gama e a distância que separa a cidade da capital — com seus corredores de eucaliptos — virou uma espécie de símbolo do verde para a futura paisagista

mia, onde aprendeu a técnica para desenvolver a profissão que realmente lhe atrai: o paisagismo. “Vejo uma função nobre na agronomia, mas não me contentaria apenas com a experiência de pesquisa acadêmica. Minha opção é por algo mais dinâmico, onde não perca o contato com o público”, justifica.

Juliana explica que Brasília seduz para o paisagismo. “Toda a beleza da cidade foi pensada num contraste de mármore branco, céu azul e plantas verdes”, define. Há um ano e meio, trabalha num conceituado escritório de paisagismo da cidade. Como desafio profissional, ela tenta unir a praticidade às belezas do cerrado. “O mercado não aproveita as espécies nativas por acharem pouco viáveis comercialmente. Quero provar que é possível fazer paisagismo de qualidade com a diversidade que a região oferece”, diz.

A menina que não esperou a hora certa de nascer também é uma adulta precoce. Casou-se aos 21 anos, depois de dois anos de namoro, com o também brasiliense Alexandre Viana, 31. É, ao mesmo tempo, simpática e enérgica no posto de síndica do prédio onde mora, no Setor Sudoeste. Fala pelos cotovelos, como ela mesmo define. Calma mesmo, só quando acompanha o crescimento de uma planta. Lição que tenta extrair para a própria vida. “A natureza é sábia. Uma árvore do cerrado, por exemplo, só cresce e se embeleza depois que já tem raízes fortes e maduras para uma boa sustentação”, ensina.

ONDE NASCEU

Hospital Universitário de Brasília, na Asa Norte

ONDE VIVE

Pai e mãe cearenses

LEMBRANÇA DA INFÂNCIA

“A imagem dos eucaliptos na entrada do Gama até Brasília, avistadas do Fiat Uno prateado da família”

O que gosta em Brasília

Torre de TV. “Para ver o nascer e o pôr do sol.”